

Vida comunitária, vida fraterna, identidade e sentido de pertença

“Quanto mais santas, mais comunicativas com as suas irmãs.”

**“Quero partilhar com esta família
o dom do carisma teresiano
e fortalecer os laços de comunhão e pertença
ao serviço do Reino”**

Artigo 15, Constituições STJ

INTRODUÇÃO

A partir do terceiro tema do Itinerário, convidamo-vos a recordar a Vida e Obra de Teresa de Jesus para compreender o significado da frase: **«quanto mais santas, tanto mais afáveis nas conversas com as Irmãs»** (C41,7). Nestes 150 anos, **olhando para a nossa vida e comunidades, será que Teresa de Jesus nos diz algo sobre a nossa maneira de compreender e viver a vida em comunidade?**

Este apelo partilhado continua a ser um testemunho válido para um mundo onde, cada vez mais, o narcisismo e a autorreferencialidade são a medida pela qual se avaliam as relações e o próprio sentido da vida? Na nossa maneira de viver juntas, reflete-se este imperativo de «dar a conhecer e amar Jesus» sobre o qual refletimos no tema anterior? O encontro diário com o Senhor compromete-nos a humanizar o espaço imediato, quotidiano, onde partilhamos a vida com outras pessoas?

Neste encontro, convidamo-vos a refletir sobre a vida comunitária como consequência do nosso compromisso de viver o encontro profundo com o Senhor na oração e como uma alternativa que continua a ser testemunho profético num mundo individualista, narcisista e fragmentado.

NÓS PREPARAMOS O CORAÇÃO

“Lembro-me que o jesuíta Toño García nos falou uma vez sobre a convocação com tanta paixão que ficou gravado na minha memória; ele disse algo assim: «Com a mesma força com que fui chamado, também fui convocado com outros. Muitas vezes a vocação é vivida como um dom, a convocação como um inconveniente». Precisamos descobrir o dom do Espírito que se esconde numa vida tecida com outras, com projetos e visões partilhadas: para que fomos chamadas juntas? Para quem?”
(Mariola López Villanueva)

Convidamo-te a dedicar um tempo pessoal para retomar a tua trajetória de oração e perceber como ela repercute na relação com a comunidade e nas sucessivas conversões ao longo da tua história pessoal. Teresa, nos seus escritos, leva-nos a compreender que o encontro com Jesus Cristo e a sua Humanidade conduz a uma conversão de vida e, conseqüentemente, a uma integração em todas as dimensões da pessoa. Com ela, faça um percurso pela sua experiência de «convocação» ao longo destes anos na Companhia.

Algumas sugestões para reflexão pessoal:

- ➔ **Tomar consciência** de que Deus cuida de mim, das minhas irmãs da comunidade e que Ele sabe exatamente o que mais precisamos neste momento da nossa vida (V22,9).
- ➔ **Lembre-se** de como você age diante das contrariedades e dos “nãos” que recebe na vida. Como eles repercutem na vida comunitária?
- ➔ **Perceber e destacar** os efeitos da oração ao longo da minha vida de consagrada teresiana e as transformações que foram ocorrendo durante a minha vida e na comunidade.
- ➔ **Passar pelo coração**, irmãs, situações, lugares onde me senti fortalecida pela experiência comunitária. Agradecer o que aprendi... o que recebi. Da mesma forma, reconhecer como, naquelas situações difíceis que me vêm à memória, pude crescer e aprender que é o «contato contínuo» que nos forja e nos ensina a ser pessoas melhores. Perdoar aqueles a quem ainda tenho que perdoar... e pedir capacidade de acolhimento para aqueles que ainda tenho que aprender a acolher.

NÓS NOS ENCONTRAMOS

**“Viver em união e concórdia e colocar-nos do lado dos pobres são sinais proféticos do Reino e meios de promover os interesses de Jesus”
(Art. 18, Constituições STJ)**

Iniciamos o nosso encontro invocando o Espírito Santo para que ilumine a nossa mente e o nosso coração, e nos dispomos a partilhar na comunidade o significado da frase da fórmula dos votos com que se inicia este tema de reflexão, que reflete a nossa consagração e pertença à Companhia de Jesus.

1. **Invocamos juntas o Espírito** (com um canto, com a oração «**Vem, Espírito**», com um silêncio prolongado...).
2. Em silêncio, com música instrumental, **lemos estes textos que nos preparam para a partilha:**

“Que se possa dizer sempre de todas as filhas da Companhia, extremamente solícitas em conservar a unidade de espírito em vínculo de paz, o que se dizia dos primeiros cristãos: *Cor unum et anima una.*” (Cf. EEO II, p. 71)

“Os membros das comunidades religiosas não estão juntos porque se procuraram. Não os reuniu o amor, nem a amizade, nem o interesse mútuo. Reuniu-os um chamado comum, uma fé comum e uma missão comum. Se prescindirem desses elementos teológicos, os membros da comunidade poderão construir um grupo de solteiros, ou de amigos, ou mesmo uma equipa apostólica, mas não uma comunidade evangélica de irmãos ou irmãs.” (Felicísimo Martínez, *Para Onde Caminha a Vida Religiosa?*)

3. Canto: **A melhor oração é amar, Deus me deu irmãs, ou outro que conheçamos.**

COMPARTILHAMOS NOSSAS HISTÓRIAS

Oferecer um espaço de tempo para que cada irmã possa partilhar a sua reflexão pessoal e a comunidade, em atitude de escuta, acolher a passagem de Deus na sua vida. **Partilhamos a partir da vida, seguindo uma destas orientações:**

- Partilhar momentos importantes na vida pessoal e/ou comunitária que marcaram uma nova forma de perceber e viver a vida comunitária.
- De que maneira, no nosso ambiente e missão, a nossa comunidade pode ajudar a adquirir (ou crescer) essa *nova consciência de identidade comunitária* de que falamos no nosso último Capítulo Geral como «eco» da Fratelli Tutti?

CONCLUSÃO

Dedicar alguns momentos e fazer uma síntese de como a afirmação de Teresa é real nas nossas vidas ou se é apenas uma afirmação: quanto mais santa, mais próxima dos outros, mais afável, amiga de boas conversas, com leveza comunitária, acolhida de cada irmã da comunidade, respeito profundo pela história de cada uma.

MOMENTO DE AÇÃO DE GRAÇAS

- Canto de ação de graças.
- Convidar as Irmãs a uma atitude de acolhimento para nos darmos o abraço da paz.

APROFUNDAMOS

Apresentamos a seguir alguns textos que podem ajudar na reflexão pessoal e comunitária antes ou depois do encontro comunitário.



SANTA TERESA DE JESUS. O CAMINHO DA PERFEIÇÃO 41.7

“Portanto, irmãs, procurem ser afáveis e compreensivas com todas as pessoas com quem lidam, de modo que elas amem a vossa conversa e desejem o vosso modo de viver e de tratar os outros, e não se assustem nem se intimidem com a virtude. Isso é muito importante para as religiosas: quanto mais santas, mais conversadoras com as suas irmãs. E mesmo que sintam pena, se as conversas delas não forem como vocês gostariam que fossem, nunca se surpreendam com elas, se quiserem aproveitar e ser amadas. É isso que devemos procurar: ser afáveis, agradar e contentar as pessoas com quem lidamos, especialmente as nossas irmãs”

Compreender a nossa vida comunitária à luz de Teresa de Jesus: (Assunta Romio)

Nestes 150 anos, olhando para a nossa vida e comunidades, será que Teresa de Jesus nos diz algo sobre a nossa maneira de ser e agir, com um coração ardente e apaixonado por Jesus Cristo, como sonhou o nosso Fundador? A opção pessoal da Santa foi determinante, quando decidiu investir tempo naquilo em que acreditava como uma opção de vida. Isso implicou assumir a vida com tudo o que ela oferece. O segredo é colocar-se nas mãos de Deus (C23,2). Teresa convida a observar como usar o tempo disponível para se dedicar da melhor maneira possível a fazer o bem e estar na companhia do verdadeiro Mestre Jesus Cristo (C26,2). Ela decidiu prestar atenção à forma como Deus agia dentro dela e aprender a pedagogia do amor do grande Mestre Jesus Cristo.

Teresa menciona que Deus cuida de nós e sabe o que cada uma precisa em cada momento, e nos pede que façamos a sua vontade (V22,9), num processo de crescimento e maturidade (V25,14). Realizar o pouco que está ao nosso alcance (V31,19), tendo o cuidado de servir a Deus e olhar para a própria natureza como obra divina (V32,7). No seu processo, ela foi percebendo e assumindo uma espiritualidade de encontro com Deus no Castelo Interior, a partir da vida quotidiana. E assim foi-se tornando uma mulher cheia de vida e de projetos. Com Teresa, aprendemos que o amor nos une e integra a partir da essência da vida, descobrindo-nos criaturas queridas e amadas por Deus. Por isso, a sua experiência vital atravessou os limites do tempo, chegando até nós com o frescor da novidade.

No Caminho da Perfeição, ela chama a atenção para a necessidade de acolher as dificuldades pessoais e relacionais como uma oportunidade para crescer na integração humana e espiritual.

Segundo Teresa, três coisas são necessárias para viver em comunidade: uma é o amor umas pelas outras; outra, o desapego das coisas criadas; e a terceira, a verdadeira humildade, que, embora seja mencionada por último, é a principal e abrange todas as outras (C4,4).

Teresa é, acima de tudo, alguém que aprende com Deus; ela deixa-se moldar pela pedagogia divina, tanto na alegria como na dor. Neste horizonte de aprendizagem, ela enfrenta não poucas dificuldades, mas com determinação e paciência não desiste das lições que Deus continuamente lhe oferece todos os dias. (V38,9). Esta certeza faz-lhe sentir uma profunda paz interior; a confiança de estar a seguir o caminho que lhe dá significado existencial. Tudo isto provoca nela a necessidade de partilhar o seu processo, despertando noutras pessoas o desejo de também percorrer o caminho de «quanto mais santas, mais afáveis» (C41,7). O Senhor transformou o interior, tornando-as mulheres generosas e dedicadas à missão (V35,12), numa pequena comunidade onde todas podem conhecer-se, amar-se e ajudar-se no caminho (V36,30).

Como teresianas, aprendemos com a grande mestra a magnífica habilidade de se comunicar, estabelecer e ampliar relações, ajudando as pessoas a perceberem que são possuidoras de uma riqueza interior: a presença de Deus. Especialmente nas Cartas, ela se mostra como uma pessoa com um perfil muito humano: acolhe, orienta, adverte, anima, encoraja e tem um profundo respeito pelo ritmo de cada pessoa. Mostra-se como uma pessoa caridosa, companheira de caminho e orientadora. Com originalidade, conduz e provoca a construção de redes, com o objetivo de motivar as pessoas a entrar no seu castelo interior e lá encontrar o Mestre. O seu coração apaixonado e ardente por Jesus Cristo torna Teresa cuidadora de outras pessoas, construtora de comunidades, evangelizadora, transformadora do seu ambiente, da Igreja e do mundo. Com razão, Enrique de Ossó, ao colocá-la como modelo, também nos provoca a «ser santos e sábios como Teresa de Jesus».

Tempo de partilhar a vida (fragmento), por Mariola López Villanova **A Importância do Primeiro Círculo**

Há muitos anos, encontrei em Dublin uma jovem catalã que me contou que ela e o seu parceiro eram LAT. Na altura, eu não sabia o que isso significava e ela explicou-me que eram as iniciais de Living Alone Together: «viver juntos sozinhos».

Cada um vivia na sua própria casa, mas depois encontravam-se e relacionavam-se nos mesmos parâmetros que um casal. A expressão fez-me pensar se, em alguns momentos, a nossa vida comunitária também não se pode tornar um pouco LAT: vivemos juntos, mas sentimo-nos sozinhos. Não me refiro aqui àquela solidão fecunda e necessária, mas àquela que nos produz isolamento e que pulsamos como indiferença.

Há pessoas que partilham pouco na comunidade e que, no entanto, se expressam nos contactos virtuais. Em casa, parecem bastante sérias, sempre muito ocupadas com as suas coisas, e só se mostram e vivem momentos mais gratuitos fora da comunidade. Na missão, diante dos outros, abro-me, entrego-me, ofereço a minha pérola..., enquanto que dentro de casa só deixo ver a concha que a guarda. Toni Catalá expressava com a clarividência que o caracterizava: «A armadilha consiste em deixar escapar a realidade concreta, muito concreta, «sórdida», feliz, apaixonante, muitas vezes desoladora, que é a vida dos homens e mulheres concretos com quem vivemos, sentimos, desfrutamos e sofremos. É-nos imposta muita lucidez para não nos evadirmos no global e perdermos no concreto».

Embora há anos nos digamos comunidade para a missão e comunidade como missão, esta segunda afirmação é mais difícil de tecer na prática. Precisamos crescer na convicção de que a comunidade é um espaço de missão em si mesma. Creio que, na experiência das mulheres, é importante cuidar deste primeiro círculo, porque, se estiver bem estruturado, se tiver profundidade e luminosidade, terá um impacto positivo na vibração e expansão de todos os outros, como círculos concêntricos que se desdobram de dentro para fora. O Reino começa em casa e vamos tecendo-o através de uma presença mais gratuita na vida da comunidade.

A partir desse enraizamento, podemos também viver uma grande abertura e novas possibilidades através de comunidades ampliadas. Constato que nós, mulheres, mostramos mais cumplicidade e entusiasmo na hora de participar nos intercâmbios e projetos intercongregacionais que vão surgindo; entre os homens, em geral, parece que custa um pouco mais ou ainda não se sentiram urgidos a isso. Uma presença mais gratuita.

O convite de Inácio no início dos Exercícios torna-se muito necessário no dia a dia, como um convite a encontrar o princípio e o fundamento comunitário: viver buscando e escolhendo o que mais conduz ao fim para o qual fomos chamados com os outros. Podemos levar uma vida em comunidade autogerida, onde procuro que os outros interfiram o menos possível nas minhas coisas, que me deixem fazer o meu, e eu também os deixo fazer o deles; que não saímos das nossas zonas de conforto.

Perguntamo-nos pouco e fazemos pactos por baixo. O fruto de uma vida assim diminui a fecundidade do corpo apostólico e exerce pouca atração para o exterior.

Quando gerimos o nosso tempo e espaço sem ter muito em conta as pessoas com quem vivemos, o apelo torna-se opaco e a percepção da realidade é tingida com o possessivo «meu»: «Meu tempo, minhas tarefas, meu telemóvel», e as imensas potencialidades de uma vida partilhada vão-se apagando. O individualismo imperante infiltra-se subtilmente na nossa sensibilidade, anestesiando-a para tudo o que implique pensar e administrar a nossa vida em função dos mais próximos.

Como escolho viver em comunidade? Quanto tempo livre invisto nela? Costumamos comentar nos nossos ambientes, mesmo com o risco de cair em certos clichés, que os homens se dedicam mais aos seus assuntos, são mais autogestionários (não precisam justificar tanto o que fazem), têm tempo e espaço para aquilo a que se dedicam e, por vezes, como o próprio Kolvenbach salientava, podem viver a comunidade «como hóspedes mais ou menos contribuintes das casas»⁶. Nós sentimo-nos exigidas em muitas frentes ao mesmo tempo, temos mais concretude no cuidado do nosso próprio habitat, vivemos menos na cabeça e mais nas mãos, e também nos exigem mais energias os meandros e atritos da convivência; de alguma forma, nos envolvemos e complicamos mais nos detalhes do dia a dia.

Todos sabemos que não há capacitação para uma vida partilhada que não passe por uma experiência saudável da solidão. Precisamos aprender a viver uma solidão apostólica, que não é tentação de escapismo, nem desatenção às outras presenças, mas lugar do encontro mais profundo com a solidão de Deus e dos outros. Estamos conscientes de como as «distrações tecnológicas» se infiltraram na nossa intimidade e alteraram as nossas formas de comunicação. As comunicações virtuais trouxeram-nos grandes benefícios, mas também nos privaram de grande parte dessa solidão abençoada e necessária.

Há alguns anos, uma colega disse-me numa assembleia: «Antes, à noite, quando íamos dormir, costumávamos passar pela capela; agora, trocámo-la pela sala dos computadores». Já nem precisamos de ir à sala: com o smartphone, o ecrã do telemóvel torna-se a última coisa que vemos antes de dormir e a primeira coisa que abrimos ao acordar, e não estou a falar por ouvir dizer.

Precisamos urgentemente recuperar espaços interiores de silêncio e pôr em prática na nossa vida pessoal e comunitária «regras para nos organizarmos na Internet», que já circulam; procurar e escolher o que mais nos leva a viver de forma simples e ligada num mundo complexo, onde muitos ficam isolados.

CONFIAR UNS NOS OUTROS

Quando somos chamados a viver com outras pessoas, somos convidados a considerar cada uma delas como se nos tivesse sido confiada pessoalmente (cf. Jo 21,15), como se cada um dos membros da comunidade tivesse a ver expressamente com o meu seguimento de Jesus neste espaço e tempo concretos; eles são o meu primeiro elo do Reino, o que lhes acontece tem a ver comigo, as suas alegrias e as suas dores precisam de encontrar ressonância em mim. E não há subida a Jerusalém possível que não esteja tingida das pequenas paixões da convivência. Este sentido de interdependência, quando é saudável, gera em si mesmo contactos humanizadores dentro e fora de casa. Contactos que requerem gestos quotidianos onde se fortalecem os laços: o interesse mútuo, uma palavra de encorajamento e cumplicidade, a proximidade silenciosa diante de dores e perdas não confessadas, antecipar-nos para facilitar as coisas... e tantos gestos mínimos que maximizam o valor de viver juntos.

A comunidade é o lugar onde podemos exercitar no dia a dia a manifestação do nosso próprio amor, carinho e interesse. O contacto diário amassa e humaniza. As relações habituais desgastam e são, ao mesmo tempo, a principal oficina onde se polêm as resistências e as arestas do eu. É evidente que não escolhemos aqueles com quem convivemos e que não podemos mudá-los, nem pretender que nos compreendam, nem que sejam nossos amigos se não lhes dermos o dom... Mas, uma vez aceito tudo isto, preciso acreditar que a vida dessas pessoas com quem partilho o meu teto tem a ver comigo e que o meu caminho para Deus passa hoje por elas; então estou disposta a acolher esta convocação como uma bênção e um desafio: é Outro que nos colocou juntos para irmos além de nós mesmos.

Quando perguntavam às ammas do deserto como saber se a discípula estava muito perto de Deus, elas diziam algo assim: «Se ela cobre com ternura a fragilidade da sua irmã». A compaixão levou estas mestras espirituais a uma compreensão aguda das batalhas internas dos outros.

Elas cultivavam um coração terno, vulnerável e expansivo, e rejeitavam vigorosamente qualquer atitude crítica ou censuradora; ensinavam que o autoconhecimento é imprescindível para uma vida em comum, pois a consciência das próprias fraquezas é a oportunidade para aprofundar a nossa compaixão pelas fraquezas dos outros e aliviar os seus fardos. Para elas, a relação com as nossas irmãs e irmãos reflete a medida da nossa vida interior, somos terapeutas uns dos outros no dia a dia.

E só quando nos atrevemos a mostrar a nossa própria vulnerabilidade, quando baixamos as nossas defesas, paradoxalmente também nos capacitamos para curar.

Precisamos criar amplos espaços de confiança e acreditar, como diz Toni Catalá, «que a realidade dá mais de si», que o outro dá mais de si e que não temos ideia dos medos que atravessam o seu coração.

Foi quando acompanhei pessoas da mesma comunidade que pude constatar isso mais profundamente: a necessidade de apreço e reconhecimento que cada um tem e a dificuldade em expressar o carinho. Desejamos uma vida mais calorosa, mais evangélica, com maior interesse mútuo, mas não sabemos como gerá-la, e o desejo de ter razão nos prega peças. Tudo faz parte da trama do nosso caminho para Deus, porque sem essas pequenas humilhações cotidianas, como poderíamos ousar apelar para o desejo de conformidade com o Jesus pobre e humilde?

Há uma afirmação de Madeleine Delbrel que me impressiona cada vez que volto a ela: «Iludimo-nos se pensamos que podemos adotar uma espécie de imobilismo sem consequências. Quando não somos causa de felicidade, é raro não causarmos pelo menos um pouco de dano». Se não fazemos um pouco felizes as pessoas com quem vivemos, é provável que as magoemos sem querer. Precisamos pedir isto como o pão de cada dia: ser uma bênção para as pessoas com quem partilho a vida, ser motivo de alegria para elas. Se vivermos este primeiro círculo na chave da Visitação, a partir do embrião da comunidade, iremos expandir-nos para fora e as nossas comunidades poderão tornar-se boas notícias para os pobres e os pequenos.